

ANA BEATRIZ BRANDÃO

A garota
das
sapatilhas
brancas

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Editora executiva

Raíssa Castro

Edição

Thiago Mlaker

Coordenação editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Terzi

Capa

Idée Arte e Comunicação

Projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

ISBN: 978-85-7686-616-9

Copyright © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B817g

Brandão, Ana Beatriz

A garota das sapatilhas brancas / Ana Beatriz Brandão. - 1. ed.

- Campinas, SP : Verus, 2017.

23 cm.

ISBN 978-85-7686-616-9

1. Ficção brasileira. 2. Ficção juvenil brasileira. I. Título.

17-42687

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

Sumário

Prólogo	9
Marco zero	11
Lágrimas de sangue	12
A proposta	17
Como um eco	21
Até o infinito	27
Horizonte	35
Ano-Novo	38
Dívida	44
Equilíbrio	49
Teclas de marfim	57
Salvação	64
Preferência	75
Destinos	82
Oceanos	86
Sob a luz da lua	94
A verdade	103
Sentença	109
Cachecol vermelho	114
Adotar o amor	120
Um sonho pra mim	127
Padrões	137
Juntando os pedaços	140
Cotovelos na mesa	144

O presente	159
Última vez	163
O farol	169
A carta	177
Agradecimentos	179

Prólogo

Daniel

Sempre achei engraçado o fato de as pessoas usarem a expressão “azul como o céu”. Quer dizer... não é que seja mentira, mas será que elas se esquecem de que o céu na verdade muda de cor todo dia? Do azul para o laranja. Do laranja para o salmão. Do salmão para o roxo, depois para o azul-marinho, e para o laranja mais uma vez. Além da infinidade de tons entre cada uma dessas cores.

Não é que eu não compreendesse isso. É que me parecia estranho pensar que uma coisa importante possa ser encaixada em um adjetivo tão simplista. Eu podia estar enganado, mas nunca ouvi ninguém dizer que uma coisa é laranja como o céu.

Se olharmos um pouco mais a fundo, vamos perceber que isso lembra um pouco a forma como nós enxergamos as pessoas. Montanhas de sentimentos e características são ignoradas e, em um piscar de olhos, passam a ser resumidas em palavras fúteis ou estereotipadas. Alto ou baixo. Gordo ou magro. Branco ou negro. Bonito ou feio. Rico ou pobre. Doente ou saudável.

Isso não chega a ser completamente condenável, já que explicar que um objeto qualquer está bem ao lado da garota com uma grande habilidade artística e um bom coração ali no fim da rua não seria muito simples. Só que, a partir do momento em que alguns traços tão superficiais influenciam na maneira como as pessoas se relacionam, as coisas viravam de cabeça para baixo na minha mente.

Por que a aparência física de alguém influencia no que as pessoas pensam sobre ela? Ou melhor: por que o fato de uma pessoa ser pobre, portadora de alguma deficiência, ter a pele de uma cor ou outra, ter uma orientação sexual qualquer a torna inferior aos sujeitos considerados “normais” por esta sociedade de mente atrofiada? Eu não me lembrava de ter lido essas regras em lugar nenhum, nem de ter aprendido na escola.

Cada um de nós é tipo um quebra-cabeça, com muitas peças diferentes que se encaixam perfeitamente para formar a nossa essência. Uma pecinha dessas, ou uma característica, não exclui a outra. Nós precisamos de todas as partes para sermos completos. Você sabe que todo quebra-cabeça compõe uma imagem, e algumas imagens são mais agradáveis para uns do que para outros. E ponto-final. Ninguém é perfeito para todo mundo. Nem eu, nem você, nem os seus amigos, nem os meus.

Nem todos acreditam no que eu estou dizendo. A maioria acha que isso não passa de uma bobagem sem sentido. Se você é uma dessas pessoas, sintase à vontade para me chamar de politicamente correto, louco, lunático, idealista ou qualquer outro adjetivo que seja do seu agrado.

Mas tem uma coisa que você não pode negar de jeito nenhum, porque já foi provada e comprovada — e a prova se repete todo dia, mas nós cometemos o grande erro de esquecer:

O céu não é só azul.

E as pessoas não são só o que parecem ser.

Marco zero

30 DE NOVEMBRO

Melissa

As gotas de chuva batiam com força na janela. Todos no carro estavam em silêncio, o que era estranho, mas eu podia entender. Havia algo no ar. Uma tristeza compartilhada, estranha, que nos fazia apenas querer olhar através do vidro sem pronunciar uma palavra. Era exatamente isso que eu via refletido nos olhos azuis de Daniel. Coloquei a mão em seu rosto, fazendo com que olhasse para mim, e sorri de leve. Falei:

— É um “até logo”, então.

Ele assentiu uma vez, beijando o meu cabelo demoradamente antes de voltar a olhar pelo vidro. Fechei os olhos, apoiando a cabeça em seu ombro, sentindo seu abraço quente e reconfortante. A música que tocava em volume baixo era sertaneja, o estilo preferido de Enzo, o que parecia um clichê de alguma forma, mas eu estava feliz. Estava com meus amigos, com Daniel, e tudo tinha dado certo.

Meu namorado deu um sobressalto no banco, e eu me afastei um pouco, confusa. Ele olhou para os lados, arregalando os olhos de leve. Seu rosto estava pálido. Disse, com a voz rouca e baixa, como se lhe faltasse ar:

— Tem algo errado.

E então, no mesmo segundo, o carro se iluminou com as luzes de um farol, e a última coisa que eu ouvi antes de tudo escurecer foi a buzina de um caminhão.

Lágrimas de sangue

DOIS ANOS ANTES

Helena

Sentados à mesa em silêncio, encarando os nossos pratos intocados do jantar, parecíamos estátuas de mármore melancólicas numa escultura de banquete. Ouvíamos Daniel no andar de cima, quebrando coisas e gritando de raiva e desespero.

Olhei para minha mãe e meu pai esperando alguma reação, e de repente um barulho mais forte. Ele devia ter quebrado um objeto bem grande. Não houve reação. Os dois continuaram inertes, perdidos.

Mais um grito e eu quase pude ouvir meu coração se partir em mil pedaços. O pior sentimento do mundo é o da impotência diante do sofrimento de uma pessoa que amamos.

Eu queria estar lá para consolar Daniel. Não... Para protegê-lo. No fundo o que eu queria mesmo era poder estar no lugar dele, sentindo aquela dor, aquela revolta. Mas não podia.

Quando ele deu o primeiro grito de desespero, eu tinha feito menção de correr para o seu quarto, mas minha mãe me impediu. Ele precisava de um tempo para respirar, assim como todos nós, mas... não me parecia certo simplesmente ficar ali escutando Daniel chorar como se o mundo dele tivesse acabado. De certa forma, tinha acabado mesmo.

— Perdi o apetite — minha mãe disse, se levantando de repente.

Eu a encarei enquanto ela nos dava as costas e se dirigia ao elevador que levava para o seu quarto. O meu pai a seguiu na cadeira de rodas motorizada, me deixando sozinha.

Fiquei ali por alguns segundos, olhando para o vazio, até que me levantei. Não aguentava mais ficar parada em silêncio enquanto meu irmão chorava no

andar de cima. Ele era a alegria da casa. A nossa luz, que agora parecia prestes a se apagar.

Chutei uma das pernas da mesa, afastando-a alguns centímetros, e coloquei as mãos na cabeça enquanto sentia os olhos lacrimejarem. Se pudesse, eu também quebraria tudo o que via pela frente, mas ele tinha razões maiores. Para ele, era compreensível.

Dei alguns passos para trás e me encostei na parede, escorregando até me agachar no chão, como se de repente minhas pernas não suportassem mais o peso em meu coração. Um nó se formou na minha garganta e eu não consegui mais segurar o choro quando me lembrei do que ele tinha dito poucas semanas antes sobre o fato de nós sermos feito os três mosqueteiros, só que com um a menos.

Se havia uma pessoa naquela casa que merecia todas as coisas boas do mundo, era Daniel. E agora... agora eu havia descoberto que nem sempre ser bom e honesto nos salva da morte. Nada pode nos tornar imortais, e Daniel Oliveira Lobos havia se tornado a maior prova disso.

— Por que você? — questionei, tão baixo que duvidava de que alguém além de mim pudesse ouvir.

Por que ele, e eu não?

Parecia clichê dizer isso, mas era eu quem deveria estar no lugar dele desde o início. Daniel era o responsável por nos manter unidos, e eu, a causa da nossa separação. O que seria de nós sem ele? Não. Eu não queria nem imaginar. Não conseguia pensar em um mundo sem ele. Era como imaginar um arco-íris sem cor... Tudo se tornaria mais triste, mais frio. Ele não podia nos deixar. Não assim. Era cruel demais com alguém tão livre, tão cheio de vida. Tão jovem.

— Helena. — Ouvi alguém chamar. Era Silvia, uma de nossas empregadas mais antigas. — Helena, não fique assim. Tudo vai se resolver.

— Não, não vai — soluzei, me colocando de pé mais uma vez. — Não vai, porque não existe cura para o que ele tem. O Daniel vai morrer, de fora para dentro, e nada vai impedir isso.

Ela colocou a mão no meu ombro, apertando-o carinhosamente enquanto eu tentava controlar as lágrimas. Só se afastou quando consegui me acalmar um pouco. Senti que, se eu desabafasse, talvez encontrasse um sentido para aquilo tudo, como se, com palavras, eu pudesse desafogar o meu coração.

— Não é justo. Ele é a melhor pessoa que eu conheço. O melhor irmão que alguém poderia querer ter. E agora nada disso importa mais.

— Claro que importa! — ela exclamou. — O Daniel ainda está vivo, Lena. Ele está aqui. Continua sendo o seu irmão mais velho e continua te amando tanto quanto antes. Nada disso vai mudar. Nunca. Só que agora vocês têm que aproveitar cada segundo em vez de lamentar pelo que está acontecendo. Ou você prefere que ele passe os próximos anos trancado no quarto, sofrendo porque a vida não foi justa, sem ter ninguém para ajudá-lo a passar por isso?

Eu a encarei em silêncio, incapaz de negar que ela estava com a razão. Silvia parecia ser a pessoa mais sã naquele momento. Até mais que a minha própria mãe, que era sempre quem trazia racionalidade e frieza ao analisar uma situação.

— Tudo bem — murmurei, suspirando. — Acho que... eu preciso...

— Eu sei — ela interrompeu, com um sorriso triste. — Vá lá mostrar a ele quanto você o ama, e que nada vai mudar isso.

Assenti, dando as costas para ela, e me dirigi, quase cambaleante, para a escada. Subi cada degrau lentamente, me dando um pouco mais de tempo para tentar me recompor e vestir um disfarce de força e coragem. Precisava mostrar a Daniel que eu era forte, e que ele podia confiar em mim. Se lhe faltasse força, eu lhe daria a minha, nem que tivesse que arrancá-la do meu peito e lhe entregar.

A cada passo meu, mais altos ficavam os gritos dele, e melhor eu podia ouvi-lo chorar. Era dor demais, muito mais do que eu sabia que poderia suportar, muito mais do que qualquer um merecia sentir.

Parei em frente à porta e coloquei a mão na maçaneta. Hesitei, sentindo toda a coragem que eu havia reunido durante minha caminhada até ali se esvaír por completo. Mas eu precisava ser forte. Por ele.

Respirei fundo.

Entrei no quarto sem bater e encontrei Daniel encolhido no chão, em um canto, entre os destroços das coisas de que antes cuidava com tanto carinho. Estava com as mãos na cabeça, e seus ombros tremiam.

Caminhei até ele, hesitante, me sentando a seu lado em silêncio e abraçando os joelhos. Eu sabia que ele precisava de alguém por perto, mesmo que essa pessoa não dissesse nada. Era exatamente isso o que ele fazia quando eu estava triste: sentava perto de mim e ficava quieto por um tempo, depois me abraçava e dizia que tudo iria ficar bem. Só que eu não podia mentir para o meu irmão. As coisas não iriam ficar bem. Nunca mais.

Eu o puxei para perto, me sentindo pela primeira vez como a irmã mais velha. Nunca o tinha visto assim, tão frágil, tão destruído. Queria protegê-lo do mundo, evitar qualquer coisa que pudesse magoá-lo ainda mais.

Ficamos ali abraçados por um bom tempo. Tempo. De repente, essa palavra ganhou um significado diferente para nós dois. A doença do papai já tinha nos ensinado quanto o tempo é precioso, mas agora, com Daniel em meus braços, com a sentença de morte pairando sobre a cabeça dele como uma espada prestes a desabar, eu quase podia sentir o passar de cada segundo à nossa frente. O tempo se esgotando e tirando um pouco mais, a cada tique-taque, a presença do meu irmão.

— Tudo vai ficar bem — ele disse, finalmente. — Nós vamos superar isso. Eu prometo.

Balancei a cabeça. Por que era Daniel quem estava tentando me acalmar, e não o contrário? Por que ele tinha que tentar parecer o forte em todas as situações?

— Nós somos os dois mosqueteiros, não somos? — continuou, o que me fez sorrir em meio às lágrimas.

— Você tem que parar de fazer isso — falei, apertando-o mais contra mim. — É a minha vez de cuidar de você.

Passei os dedos no seu cabelo quando ele apoiou a cabeça no meu joelho, encarando o quarto destruído. Sussurrei, sentindo que essa era a frase que eu mais deveria repetir enquanto ainda tínhamos tempo:

— Eu amo você, maninho. Sempre vou amar.

— Isso é uma coisa que a gente não ouve todo dia — brincou, mas, em vez de me fazer rir, só conseguiu me fazer chorar de novo.

Pelo amor de Deus. Por que precisava ser ele? Por que *sempre* tinha que ser ele?

— Você sabe que eu vou ficar do seu lado pro que der e vier, não sabe? — perguntei, baixinho. — E que, não importa o que aconteça, eu nunca vou esquecer de você. Nunca.

Quando me preparei para um longo discurso sobre quanto eu o amava e quanto sentiria sua falta, ele me abraçou, me apertando forte contra si e passando as mãos pelas minhas costas. Eu estava perdendo o controle. Ser a mais velha não era mesmo a minha vocação.

— Não vamos começar a nos despedir, por favor. — Seu tom foi suave e gentil. — Eu ainda estou vivo, e ainda estou aqui. Ninguém sabe quanto tempo eu tenho, mas com certeza eu não vou morrer no próximo minuto, então não vamos acabar com a minha vida antes que ela chegue ao fim. — Fez uma pausa. — Além disso, pode ser que eu ainda viva muito tempo. Pode ser que

eu fique que nem o nosso pai, e tenha filhos lindos e uma família boa. Isso é só um obstáculo a ser superado. Um obstáculo horrível, o pior que poderia existir, mas não vai me impedir de continuar vivendo. Não ainda, e vai ser assim por muito tempo.

No fim, o que eu tinha planejado foi por água abaixo. Eu tinha ido até o seu quarto para lhe dar força, mas o fato é que Daniel agora estava bem, ou parecia querer ficar bem, e eu não conseguia parar de chorar. Eu queria ficar ali, abraçada ao meu irmão. Quem sabe assim eu poderia salvar sua vida e impedi-lo de desaparecer aos poucos, vendo seu próprio corpo morrer enquanto a mente continuava intacta. Preso dentro de si mesmo.

Era o pior castigo do mundo. Para ele, para mim e para todos que conheciam Daniel Oliveira Lobos.

Só que, apesar de toda a dor e todo o sofrimento que aquela doença trazia, em uma coisa meu irmão tinha razão: nós não podíamos nos despedir agora. Tínhamos que deixá-lo viver enquanto ainda podia, e eu sabia que nada iria impedi-lo, até decidir que já havia vivido o suficiente.

A proposta

NOVE MESES ANTES

Daniel

— Ok... Tem mais coisa do que eu imaginava. E é uma surpresa também.

Melissa tinha acabado de me contar sua vida e como havia chegado até ali. Falou sobre a morte do pai antes de ela nascer e como seu relacionamento com a mãe era conturbado. Ela vivia praticamente sozinha desde criança, já que sua mãe, Regina — esse era o nome dela —, vivia trabalhando e viajando para ajudar os outros e quem sabe assim esquecer a própria dor. Esse ponto fez com que eu me identificasse um pouco com a mãe da Mel. Mas ela não se dava conta da dor que causava na própria filha, e, quando Melissa falou desse ponto específico, pude sentir que algo mais havia acontecido. Algo em seu olhar perdido e na dor que inundou sua voz me fez sentir uma vontade enorme de abraçá-la e protegê-la de todo o sofrimento que aquelas lembranças causavam. Claro que me contive; ela teria me dado um soco e saído correndo, achando que eu era um tarado ou algo parecido.

Nossa! Eu sabia que a garota devia ter passado por muitas situações para se tornar a pessoa que era, mas... não pensei que ela fosse chegar a me confessar todas elas. E, com certeza, não desconfiava da gravidade do problema. Havia mais ali do que qualquer um poderia supor, e com certeza ainda restavam algumas coisas. Mas, só de saber que ela havia aberto um pouco de sua vida para mim, eu já ficava extremamente feliz.

O problema era que eu não sabia como reagir nem o que dizer. Não ainda. Tinha sido pego de surpresa, e qualquer coisa que passava pela minha cabeça pareceria bem idiota, se eu dissesse em voz alta. Eu deveria dizer que sentia muito pelo pai dela? Ou confessar o que pensava sobre a situação com a sua mãe? Não. Ainda não tínhamos essa intimidade, certo?

— Mas uma coisa eu tenho que dizer — continuei, e ela se voltou para mim. Assim que aqueles olhos castanho-escuros focaram meu rosto, me encarando como se esperassem que eu desse a fórmula para sua salvação, qualquer coisa que eu planejava dizer se esvaiu da minha mente, e o que saiu foi: — Fico feliz por não ser o único com problemas com bicicletas. Eu sou péssimo nisso!

Pela forma como ela se levantou, boquiaberta e visivelmente irritada, acho que não gostou muito do meu comentário. Mas é óbvio que não gostaria! Eu tinha acabado de dizer a coisa mais idiota possível! Por Deus... E eu pensava que tinha jeito com as pessoas... Tudo bem que Melissa não ajudava muito, com aquele gênio forte, mas eu poderia ter tentado encontrar algo melhor!

Eu precisava consertar aquilo, então me levantei e fui até ela antes que tivesse a chance de se afastar muito, me colocando em seu caminho.

— Desculpa! Desculpa! — falei. — Eu não devia ter dito aquilo de primeira. Desculpa.

Ela me fuzilou com o olhar, não muito convencida. Não eram aquelas palavras que a fariam esquecer a tremenda mancada que eu tinha dado (ainda mais em se tratando de Melissa), mas isso não significava que eu tinha que perder a esperança. Ela ainda estava ali, e isso era um ótimo sinal.

— Qual é o plano milagroso, dr. Daniel? Tem algum em mente ou meu caso é difícil demais pra ser resolvido? — perguntou, levantando uma sobran-celha, no tom irônico que eu passara a conhecer cada vez melhor.

— Tenho algo em mente, sim — respondi, abrindo o maior sorriso que consegui. Se ela estava brincando, não estava tão brava assim. — Mas isso não quer dizer que eu vou te contar qual é. Se eu contar, não tem graça.

Para ser bem sincero, aquilo era uma mentira das grandes. Eu estava totalmente perdido, não tinha ideia de como ajudá-la, mas isso não significava que não podia tentar. Só precisava passar confiança. E alguns momentos para pensar no que fazer caíam muito bem também.

— Ah, nã... — ela começou, certamente não gostando muito da surpresa.

— Ah, ah, ah! — interrompi, colocando um dedo na frente de seus lábios, impedindo-a de continuar. — Você escolheu confiar em mim, não foi? Então deve fazer tudo o que eu pedir.

— Começando pelo quê? — perguntou, cruzando os braços, ainda um pouco descrente.

Não pude deixar de notar os pensamentos maliciosos que se passaram pela minha cabeça naquele momento. Considerando o contexto do nosso diálogo

nos últimos dez segundos, qualquer uma daquelas ideias cairiam muito bem para o lado humorístico da coisa, e, se eu dissesse isso a ela, talvez conseguisse um sorriso. Mas, se eu havia aprendido algo com Melissa naquele tempo que passamos juntos, era que ela detestava enrolação.

— Você vai ficar comigo — respondi, e só quando fechei a boca percebi que segui com meu plano inconscientemente. E, só para constar, não consegui tirar sorriso algum dela. — Não nesse sentido. Estou querendo dizer que você vai ser a minha sombra no próximo semestre — continuei, apressado.

— Semestre?!

— Me deixa terminar. Isso, um semestre. Você vai comigo aonde eu for, e vai andar com quem eu andar. Isso vai te ajudar a enxergar que a vida não é só o que você acha que ela é. Se você não vir nenhum resultado dentro do próximo mês, te libero do acordo. Ok?

Pois é... eu estava improvisando. Uma improvisação muito boa, por sinal. Se eu parasse para pensar um pouco, até que poderia dar certo. Havia muitas coisas que eu poderia mostrar a ela que mudariam totalmente a maneira como ela enxergava a vida. É. Parabéns, Daniel. Você teve uma ótima ideia.

— Eu tenho mais o que fazer — Melissa retrucou, antes que eu tivesse a chance de inflar um pouco mais o meu ego pensando que havia sido um bom plano.

Ela voltou a se afastar, e algo estranho se revirou dentro de mim. Um misto de desespero e mais alguma coisa que eu não soube identificar muito bem me fez ir atrás dela, disposto a negociar.

Eu não podia deixá-la ir embora assim. Não depois de tudo o que ela havia me contado. Aquele plano podia, sim, dar certo, mas precisava de uma chance.

— Espera! Espera! — pedi, indo atrás dela. — Me dá dois meses, então! Só dois meses do seu tempo. No final, você me leva para onde quiser. Pode jogar na minha cara que nada do que eu fiz deu certo e me mostrar como a sua vida é legal e a minha é uma merda. Pode jogar ovo em mim, tirar foto e postar onde quiser. E se quiser pode me marcar! Mas... por favor. Dois meses. — Pelo jeito como Melissa escondeu o rosto, totalmente de costas para mim, acho que ela gostou um pouco da ideia. Só não queria demonstrar. — E eu te dou tempo pra ensaiar. Te trago de volta seis horas em ponto. Todo dia.

— Acho que não. Obrigada mesmo.

Eu sabia muito bem qual era o jogo dela e tinha prática com aquilo. Minha irmã, cinco anos mais nova que eu, tinha um talento nato para descobrir

segredos. Tive que lidar a vida inteira com suas chantagens para conseguir o que queria. Negociação era algo que eu conhecia bem, por isso chutei alto e pedi mais do que sabia que ela aceitaria e mais do que precisava. Assim, quando pedisse o necessário, Melissa pensaria que havia ganhado de mim e fecharia o acordo.

— Cinco! Cinco horas! É a minha última proposta — acrescentei.

Ela parou de andar, ainda escondendo o rosto, e foi ali que eu soube, antes mesmo que ela abrisse a boca, que aceitaria minha proposta.

Melissa só se voltou para mim depois de alguns segundos, com uma expressão séria e severa, certamente tentando esconder a satisfação.

— Me parece bem confiante em seu plano — comentou. — Você acha que pode mudar o significado da minha vida em apenas dois meses?

— Eu tenho certeza disso — respondi, me aproximando dela. — Certeza absoluta. Então... fechado? — Estendi a mão para ela, sentindo um entusiasmo que havia tempos não sentia.

— Fechado.

Quando ela apertou minha mão, selando nosso acordo, eu soube que conseguiria. Nunca tive tanta certeza de algo na vida, como se de repente tudo fizesse sentido. Posso ter parecido um louco naquele momento, afinal nos conhecíamos fazia tão pouco tempo. Mas a cada encontro com Melissa eu sentia como se estivéssemos destinados a nos encontrar naquela noite de Ano-Novo. Como se o universo tivesse conspirado para nos levar até aquele momento. Um acordo selado, e de alguma forma eu sabia: nossa vida nunca mais seria a mesma. Um traço imaginário tinha sido riscado com aquele aperto de mãos, e ele dividiria nossa vida em antes e depois. Eu estava ansioso para saber o que o depois nos reservava.